

CONCEITO

Revista de Filosofia e Ciências do Homem

Loucura & Desrazão

ER

© Copyright dos autores

Direcção:

José Luís Câmara Leme e Nuno Nabais

Conselho de redacção:

Davide Scarso, Eduardo Pellejero, Golgona Anghel

Titulo: Conceito - Revista de Filosofia e Ciências do Homem

Edição: Eterno Retorno

Urb. Vale de Chelas, Rtb 6.3 - Lt 3, 6A

1900-882 Lisboa

E-mail: conceito@netcabo.pt

Arranjo gráfico: Atelier Off-Shore

Data: Novembro de 2005

ISSN: 1646-3226

Depósito legal:

Este livro foi realizado no âmbito do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (POCTI/HISFL-20678) e do Centro de Investigação em História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia (CEN 286), com o apoio e a aprovação da FCT e do POCTI e com participação pelo fundo comunitário FEDER.

Solicita-se permuta

On demande l'échange

Exchange requested

Mauro Carbone, *Una deformazione senza precedenti*

Davide Scarso

Mais do que uma vez, nos seus últimos escritos, Merleau-Ponty faz apelo a uma nova formulação do problema da ontologia. Ele quer que se preste atenção aos sinais da nova relação com o ser que marca a nossa época. Esses sinais estariam presentes, não só no pensamento científico, como também na pintura e na literatura. Em *Una deformazione senza precedenti*, Mauro Carbone procura responder de maneira frontal a esta exigência. Ele prossegue assim as pesquisas sobre os traços da nova ontologia inaugurada pelo fenomenólogo francês em *Ai confini dell'esprimibile* (Milão, 1990), em *Il sensibile e l'eccidente* (Milão, 1996) e em *Di alcuni motivi in Marcel Proust* (Milão, 1998).

A primeira parte do ensaio é dedicada ao estudo de algumas das passagens mais significativas de *La Recherche* de Proust, reconstruindo em particular o percurso que conduz Swann da descoberta da memória involuntária até à revelação artística das essências. Carbone empenha-se na restituição da concepção não platônica das ideias cujo esboço, segundo Merleau-Ponty, é possível entrever na obra proustiana. “Não se tratará de uma concepção geral das ideias?”, escreve o filósofo francês comentando – naquele que será o seu último curso ao Collège de France – as páginas em que Swann volta a ouvir a *petite phrase* da Sonata de Vinteuil. E ainda “Falou-se em platonismo, mas estas ideias são sem Sol inteligível” (Merleau-Ponty, *Notes de Cours au Collège de*

France 1958-59 et 1960-61, Gallimard, Paris, 1996, p. 193 e p. 194).

No seu último curso, Merleau-Ponty retira das páginas de *La Recherche* uma noção que procura fugir à oposição metafísica entre sensível e inteligível: a noção de *ideia sensível*, ou seja de uma ideia que não é separável da sua manifestação sensível. As ideias sensíveis são assumidas como tema central da pesquisa de Carbone, cujo desenvolvimento passa por uma comparação entre Walter Benjamin e Merleau-Ponty acerca do tema da memória involuntária. Mas a atenção de Carbone centra-se sobretudo nas reflexões que Merleau-Ponty e Gilles Deleuze dedicaram à noção proustiana de «ideia», entendida no sentido de «essência». Em particular, entende pôr em evidência as profundas convergências entre Merleau-Ponty e Deleuze. Carbone lembra como Proust foi uma referência constante para o pensamento dos dois, sem deixar de relevar às especificidades e os limites das reflexões de cada um.

É a música que sugere em primeiro lugar a existência das *ideias sensíveis*. No entanto, e sempre a partir de uma sugestão de Merleau-Ponty, Carbone recorre também à biologia. Ele fornece uma penetrante formulação daquele que pode ser o valor ontológico – mas nem por isso necessariamente metafísico – da noção de espécie. A espécie animal pode pois muito bem ser interpretada como *ideia sensível*, enquanto ideia que existe somente no dar-se dos seus exemplares.

No capítulo central, Carbone passa a confrontar-se então com a tradição do platonismo e, paralelamente, com as reflexões que Deleuze dedicou ao conceito platónico de *eidos*. Mas mais ainda, o interesse é com o projecto de inversão do platonismo que Deleuze retoma de Nietzsche, permitindo a elaboração de uma teoria não platónica do reconhecimento. Para tal, Carbone

interroga o estatuto ontológico da deformação e da sua relação com a forma que é suposta ser o lugar de *origem* ou *modelo*.

Voltando à análise directa das páginas de *La Recherche*, este livro mostra como, mais uma vez, Proust foi mais longe do que qualquer outro ao indicar a possibilidade de pensar – nos termos de Merleau-Ponty – um reconhecimento sem semelhança. Um reconhecimento que Carbone caracteriza como *eidético*, para o condensar de seguida na expressão “*Wesensschau carnal*”, ou seja de uma essência perceptível em conjunto e por meio da sua própria deformação. Neste ponto Carbone sublinha algumas insuficiências da leitura que Deleuze dedica ao tema da intuição eidética. Uma vez iluminado o nó que liga sensível e inteligível, e na intenção de o acompanhar mais de perto, o autor dirige a sua atenção à leitura que Merleau-Ponty fez da psicanálise. Nesse sentido, reconstrói com rigor as etapas que conduziram o filósofo francês a traçar o perfil de uma filosofia do freudismo, muitas vezes contra o próprio Freud. A teoria psicanalítica, que contribui na revelação do carácter criativo da memória, poderia levar a um terreno em que a lembrança é indistinguível da fantasia. A conservação da deformação é um lugar onde o passado não representa a *origem*, mas sim o *originário*, tornando-se portanto passado mítico e imemorável.

A questão da temporalidade das ideias sensíveis e a interrogação da dimensão do mito concluem o ensaio, num capítulo significativamente intitulado “Come riconoscere ciò che non si conosceva?”. A figura de *Mnemosyne*, divindade grega da memória, é aqui convocada: possuindo ela uma peculiar amálgama de passividade e criação, *Mnemosyne* será a faculdade que torna possível o reconhecimento de uma deformação da qual não é dado modelo nenhum, nenhuma forma originária, nenhum *precedente*. Carbone – não deixando de observar como também o

pensamento de MerleauPonty se move na direcção de um «empirismo transcendental» – mostra como as ideias sensíveis, ideias a que somos iniciados pela nossa experiência sensível, chegam a abrir uma sequência ininterrupta de retomas e recomeços, apenas na medida em que fundam também, com o mesmo gesto, um «tempo mítico» que nunca deixará de estar de algum modo *presente*.

NB. Mauro Carbone, *Una deformazione senza precedenti*. Quodlibet, Macerata 2004, pp. 184.